

Gilda Nunes Barata

A PRESENÇA NA AUSÊNCIA EM TEIXEIRA DE PASCOAES E MÁRIO BEIRÃO



temas portugueses

Título: A Presença na Ausência
em Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão

Autor: Gilda Nunes Barata

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Capa: fotografia de Mário Beirão
e Teixeira de Pascoaes (Chiado, Lisboa)

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2004

ISBN: 972-27-1348-5

Depósito legal: 214 513/04

AGRADECIMENTOS

Para o trabalho que de seguida se apresenta muito contribuiu um conjunto de pessoas a quem estou muito agradecida. Impossível é nomear exaustivamente todos os contributos. No entanto, aqui ficam aqueles que julgamos ser os que maior peso tiveram na realização do mesmo.

Em primeiro lugar, a Prof.^a Doutora Maria das Graças Moreira de Sá, que acompanhou este trabalho com uma serena, paciente e sábia vontade. O Prof. Doutor Paulo Borges, que me deu a conhecer Teixeira de Pascoaes num seminário designado «Deus e Ser no Pensamento Português Contemporâneo», daí advindo para mim uma paixão por este autor que impulsionou o tratamento deste tema e o interesse em descobrir a sua dimensão espiritual e vivencial.

Agradecemos também à Prof.^a Júlia Dias Ferreira, ao Prof. Doutor Manuel Gusmão, ao Prof. Doutor João Almeida Flor, à Prof.^a Doutora Helena Carvalhão Buescu, ao Prof. Doutor João Ferreira Duarte, à Prof.^a Doutora Irene Borges, ao Prof. Doutor Manuel Frias Martins, à Prof.^a Doutora Paula Morão, ao Prof. Doutor Fernando Martinho, ao Prof. Doutor António Feijó, ao Prof. Doutor Miguel Tamen, à Prof.^a Doutora Isabel Renaud, ao Prof. Doutor Michel Renaud, à Dr.^a Manuela Fonseca e ao Dr. João Caboz Santana, sempre amigo, sempre disponível. Uma palavra ainda de agradecimento ao Dr. Carlos Silva, fonte de inspiração e inquietação para que a nossa consciência nunca se sinta confortavelmente satisfeita e prossigamos sem nada nas mãos, nem visões firmes de mais. Fica aqui também registada a minha admiração e gratidão ao Prof. Doutor António Cândido Franco, que arguiu este trabalho. Um agradecimento à Dr.^a Carla Pereira pelas múltiplas ajudas que me foi prestando e que muito enriqueceram o meu espírito.

À minha mãe: a presença mais verdadeira de que fala este estudo, e que deixou duas esmeraldas no meu coração tranquilo que iluminam as pedras escuras do meu coração intranquilo.

Ao meu pai e à minha irmã Irene, sempre amigos, sempre perto e em mim. Ao José Maria, que tem uma presença avassaladora, que, um dia, vai ler e dizer-me o que acha da «Presença na Ausência em Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão».

Por fim, um agradecimento a todas as manifestações de amor que se atravessam no nosso caminho e dão sentido àquilo que vamos fazendo ou desfazendo. E, ainda, um bem-haja às ovelhinhas que não sabem filosofia, nem aprenderam a ler mas são felizes nas suas vidas de ovelhinhas. Não esquecendo a pequena erva que habita o jardim, embora ninguém repare nem saiba que ela sabe o segredo do jardim... Nem ignorando todos os que se sentem frágeis quando encetam acções bondosas e corajosas...

MUITO OBRIGADA!

AUSÊNCIA

Quero dizer-te uma coisa simples: a tua ausência dói-me. Refiro-me a essa dor que não magoa, que se limita à alma; mas que não deixa, por isso, de deixar alguns sinais — um peso nos olhos, no lugar da tua imagem, e um vazio nas mãos, como se as tuas mãos lhes tivessem roubado o tacto. São estas as formas do amor, podia dizer-te; e acrescentar que as coisas simples também podem ser complicadas, quando nos damos conta da diferença entre o sonho e a realidade. Porém, é o sonho que me traz a tua memória; e a realidade aproxima-me de ti, agora que os dias correm mais depressa, e as palavras ficam presas numa refacção de instantes, quando a tua voz me chama de dentro de mim — e me faz responder-te uma coisa simples, como dizer que a tua ausência me dói.

NUNO JÚDICE

POEMA AUSÊNCIA

Eu deixarei que morra em mim o
desejo de amar os teus olhos que
são doces
Porque nada te poderei dar senão a
mágoa de me veres eternamente
exausto
No entanto a tua presença é
qualquer coisa como a luz e a vida
E eu sinto que em meu gesto existe
o teu gesto e em minha voz a tua
VOZ

Não te quero ter porque em meu ser
tudo estaria terminado
Quero só que surjas em mim como a
fé nos desesperados
Para que eu possa levar uma gota de
orvalho desta terra amaldiçoada
Que ficou sobre a minha carne como
uma nódoa do passado

Eu deixarei... tu irás e encostarás a
tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos e
tu desabrocharás para a
madrugada.

Mas tu não saberás que quem te
colheu fui eu, porque eu fui o
grande íntimo da noite

Porque eu encostei minha face na
face da noite e ouvi a tua fala
amorosa

Porque meus dedos enlaçaram os
dedos da névoa suspensos no espaço
E eu trouxe até mim a misteriosa
essência do teu abandono
desordenado

Eu ficarei só como os veleiros nos
portos silenciosos

Mas eu te possuirei mais que
ninguém porque poderei partir

E todas as lamentações do mar, do
vento, do céu, das aves, das estrelas
Serão a tua voz presente, a tua voz
ausente, a tua voz serenizada.

VINICIUS DE MORAES

Saberás escrever tornando-te invisível?

PAULO BORGES

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende tratar o tema da presença na ausência em Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão. A escolha destes dois poetas e o seu tratamento conjunto justifica-se, a nosso ver, porque se trata de dois poetas que se inscrevem no movimento saudosista, no qual se destacam a «Renascença Portuguesa» e a revista *A Águia*, e porque consideramos que em ambas as obras destes autores há uma linha semântica ligada a uma religiosidade e metafísica que os une para além dos condicionamentos histórico-literários (como é sabido, Pascoaes foi o mentor do movimento saudosista do qual Mário Beirão foi um seguidor fiel numa primeira fase da sua obra literária). Em nosso entender, nos dois autores em apreço, há um modo de sentir profundamente religioso, ainda que num caso (Pascoaes) esse sentir se revele heterodoxo e paradoxal e no outro (Mário Beirão) este sentir se denote de forma mais ortodoxa.

Na verdade, não é nosso objectivo tratar os dois autores de forma exaustiva, nem uni-los em aspectos para os quais não convirjam. Muito menos pretendemos rasurar as suas múltiplas diferenças que considerámos ao longo deste trabalho uma mais-valia para os seus universos próprios. A nossa vontade é demonstrarmos que os seus espíritos comungam de um estranhamento perante o real (bem caro ao pensamento saudosista) que designámos «a presença na ausência», e que se trata de um sentimento de lonjura ou ausência de algo, mas que, ao mesmo tempo, permite um aprofundamento que remete o homem para uma presença mais verdadeira (o Ser). Ao longo deste trabalho, não nos propusemos fazer uma análise aturada dos poemas, das obras dos dois autores, porque consideramos que o reduto fundamental de unificação dos dois pensamentos está nas entrelinhas dos seus textos, em aspectos luminosos que encontrámos a partir das palavras, mas que estão para além delas.

O tema deste trabalho, «a presença na ausência», tem uma constituição profundamente polissémica. Ao longo do mesmo, a utilização dos termos «presente», «ausente», «presença mais verdadeira» e outras expressões dependeu da perspectiva adoptada pelos autores que muitas vezes varia de excerto para excerto.

Foi nossa opção, neste estudo, a utilização da expressão «a presença na ausência» por pensarmos que esta aglutina em si o cerne da questão metafísica e ontológica que decorre da natureza interna do Ser que na sua manifestação não manifesta tudo aquilo que é, e no seu ocultamento revela algo mais. O sentimento de presença na ausência contém em si esta dimensão de luz e sombra, de intervalo que medeia a união cindida de todas as coisas. Em nosso entender, falar de «presença na ausência» atribui um cariz mais universal à constituição mais funda e ínsita de todos os seres. Há nela uma abertura total para um sentir cósmico que nada exclui e torna possível o sentimento da Saudade. Se pudéssemos aqui tomar como metáfora um fruto, talvez disséssemos que «a presença na ausência» é o fruto na íntegra e a Saudade o seu centro nuclear (o seu caroço). Isto porque consideramos a Saudade o reflexo humano de uma questão metafísica e ontológica que emana e frutifica em manifestações múltiplas (a casca) e possibilidades latentes e ocultas (o sumo do fruto). É como se pudesse ser dado ao homem vivenciar psicologicamente a cisão, a fractura, o Ser deflagrado da natureza última das coisas através do sentimento saudoso, mas isso não fosse todo o fruto, muito menos a árvore ou o pomar ou até mesmo o lugar planetário desse acontecimento único e geral que é a vida a ser... Assim fomos construindo todo o nosso pensamento neste espaço que se espraia para a completude, mas se sente ao mesmo tempo aquém dessa mesma completude e plenitude, falando de presença porque algo se ausentou e de ausência porque algo se mostra remetendo-nos para uma verdade maior... Foi nesta força em binómio que o nosso tema se foi desenrolando e ficando à espera de uma saudade mais forte. Mais forte, porque foi nosso intuito demonstrar um sofrimento solidário entre todos os seres, uma alegria fundida que não permitisse um movimento psicológico humano, só humano.

Em Pascoaes, foi este o sabor que impregnou toda a colheita: a certeza de que esta «presença na ausência» é um sentimento cósmico, que emana de tudo e para tudo remete e que é divino na sua concretização primeira (Deus como o mais saudoso). Sendo este véu a condição para pressentir o mundo, também é ele que de forma diáfana oculta a sua cor mais gritante. E, nesta unidade dividida (a criação) que considerámos ser o universo de Pascoaes, todas as coisas conduziram ao uno (Ser ou Não-Ser, se a perspectiva for a da Teologia Mística).

Em Mário Beirão, a experiência psicológico-egótica do sentimento da «presença na ausência» é mais acentuada. A vivência deste sentimento é mais arreigada a um psicologismo vicioso que centra no homem a incomensurável diversidade de estados que este sentimento faculta ao homem conhecer. Mas será só o homem que os experienciará? Em Mário Beirão, é como se a paleta do Ser (na sua diversidade de tons) estivesse

sempre em mãos humanas, e só estas pintassem o quadro da vida (a criação). E nesta paleta, já perfeita e completa, fosse apenas dada ao homem, e não aos outros seres, a possibilidade de vivência estético-saudosa do quadro da vida. Em Pascoaes, não é o homem que pinta. O homem, quando muito, aparece no quadro da vida pintado a par de outras coisas. Em Pascoaes, a paleta não está em mãos humanas e até das divinas escorregou...

Parece-nos de suma importância acentuar estes aspectos sem os quais a posterior leitura do estudo agora apresentado não se organiza e sustenta.

Fomos, assim, pouco a pouco, abordando o tema de que nos ocupámos.

Num primeiro capítulo, que diríamos de carácter introdutório e que designámos «A escrita do invisível ou a candura primeira», encetámos uma reflexão em torno da escrita dos autores a tratar. Fizemos uma incursão, ainda que breve, por aquilo que designámos de mediunidade da escrita, isto é, uma experiência de escrita na qual a palavra encarna estados psíquicos e cósmicos que vivem para além da consciência habitual que temos deles. Neste ponto, quisemos deixar bem claro que a escrita de Pascoaes é muito mais uma escrita-relâmpago e de intuições súbitas do que a de Mário Beirão, assente num formalismo mais espartilhado. No entanto, também neste autor há uma efusão mística, e daí que tenhamos considerado ambos os autores como autores de revelação mística.

No segundo capítulo, centrámo-nos na ideia de Deus, porque sem esta nunca poderíamos levar a cabo o tema da presença na ausência. A ideia de Deus permite uma compreensão mais global de símbolos aprofundados em capítulos posteriores e sem a qual o sistema de pensamento dos autores não teria qualquer sentido.

No terceiro capítulo, o tema da ausência foi remetido para o próprio sujeito e para a pessoa amada e, por último, para a paisagem interior. Este capítulo divide-se em três núcleos essenciais: um primeiro, no qual apresentámos uma noção de estranhamento do sujeito de si mesmo que se manifesta num processo sentinte (senciente), ora de evasão ora de recolhimento do sujeito em si; um segundo, no qual este sentimento se desloca para a pessoa amada enquanto «amor amante» e «amor amado»: o conhecimento da alma humana em Pascoaes e a mediação para Deus em Mário Beirão. Neste núcleo, a sublimação da existência opera-se através deste modo peculiar de amar. No terceiro núcleo enunciado, propusemo-nos realizar uma abordagem da paisagem interior em ambos os autores, ressaltando a sua íntima ligação com os seus espíritos.

No capítulo seguinte, tratámos o tema da dor, porque a dor que percorre os poemas dos dois autores é a expressão primordial da experiência de ausência vivenciada nos seus universos e dos danos daí derivados para uma harmonia feliz do todo. Dentro deste capítulo, considerámos

ÍNDICE

<i>Agradecimentos</i>	7
Introdução	15
I — ABORDAGEM PRÉVIA: A ESCRITA DO INVISÍVEL OU A CANDURA PRIMEIRA	21
1. A poesia enquanto experiência intuitiva de comunhão com o universo	21
2. A mediunidade da escrita em contraposição com a teoria impessoal da poesia protagonizada por T. S. Eliot e a teoria do fingimento de Fernando Pessoa	25
3. O mundo velado e re-velado pelas palavras. As intensidades luminosas do <i>Verbo</i> em Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão	30
II — DEUS COMO PRESENTE E AUSENTE EM TEIXEIRA DE PASCOAES E MÁRIO BEIRÃO	39
III — AS PRESENÇAS E AUSÊNCIAS DO SUJEITO EM TEIXEIRA DE PASCOAES E MÁRIO BEIRÃO	53
1. A presença e ausência de si: o recolhimento e evasão do sujeito. O estranhamento do sujeito	53
2. A presença e ausência da pessoa amada	60
3. A diluição da paisagem exterior. A paisagem interior. A paisagem enquanto espectro da ausência: a mancha (diluição das formas)	68
IV — A DOR EM TEIXEIRA DE PASCOAES E MÁRIO BEIRÃO ...	81
1. A dor em Pascoaes e Mário Beirão como ausência de alguma coisa que foi presente	81
2. As cores da ausência: o roxo em Pascoaes; o azul em Mário Beirão	90
3. As flores da ausência: os lírios roxos em Pascoaes; os lírios brancos e as açucenas em Mário Beirão	95

V — A NOITE POLÍCROMA EM TEIXEIRA DE PASCOAES E A NOITE ESCURA DE MÁRIO BEIRÃO: UM COMEÇO	101
Conclusão	111
<i>Bibliografia</i>	115